

## **A variação linguística na formação e na prática de comunicadores de rádio e outras mídias**

### ***Linguistic variation in the training and practice of radio and other media communicators***

### ***Variación lingüística en la formación y práctica de los comunicadores de radio y otros medios***

Ana Paula Marques Barbosa<sup>1</sup>

 0000-0002-5671-688X

Elisa Battisti<sup>2</sup>

 0000-0002-6701-4218

**RESUMO:** O artigo, fundamentado na ideia de que a variação linguística oferece recursos para a construção de estilos de persona contextualizados conforme as identidades dos interlocutores e objetivos das atividades realizadas (Coupland, 2007), examina qualitativamente dados de fala de uma locutora de rádio e um programa de disciplina oferecida em um curso de formação de locutores. A análise dos dados revela variação linguística na fala da locutora, mobilizada na construção de diferentes personas. Já a análise do programa da disciplina mostra a exclusividade das práticas da fala neutralizada no treino de locução. Os resultados das análises sugerem a necessidade de abordar, na formação dos locutores, tanto a linguagem padrão da fala neutralizada como a fala com variação, centrada no tipo de atividade e nos diferentes propósitos da comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística, Rádio, Educação profissional.

**ABSTRACT:** The article, based on the idea that linguistic variation offers resources for the construction of contextualized persona styles according to the identities of the interlocutors and objectives of the activities performed (Coupland, 2007), qualitatively examines speech data from a radio announcer and a discipline offered in a speaker training course. Data analysis reveals linguistic variation in the speech of the speaker, mobilized in the construction of different personas. The analysis of the discipline shows the exclusivity of practices of neutralized speech in the speaker training. The results of the analyzes suggest the need to address, in the formation of speakers, both the standard language of neutralized speech and the speech with variation, centered on the type of activity and the different purposes of communication.

---

<sup>1</sup> Fonoaudióloga. Doutoranda e Mestra em Letras – Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). apaulambarbosa@gmail.com

<sup>2</sup> Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária e Programa de Pós-Graduação em Letras, Área Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, UFRGS. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Pesquisadora 1B do CNPq. battisti.elisa@gmail.com

**KEYWORDS:** Linguistic variation; Radio; Professional education.

**RESUMEN:** El artículo, basado en la idea de que la variación lingüística ofrece recursos para la construcción de estilos de persona contextualizados de acuerdo con las identidades de los interlocutores y objetivos de las actividades realizadas (Coupland, 2007), examina cualitativamente los datos del habla de una locutora de radio por intermedio de una disciplina ofrecida en un curso de capacitación de locutores. El análisis de datos revela la variación lingüística en el discurso de la locutora, movilizado en la construcción de sus diferentes personajes. El análisis del programa de la disciplina ya muestra la exclusividad de las prácticas del discurso neutralizado en la capacitación de locutores. Los resultados de los análisis sugieren la necesidad de abordar, en la formación de locutores, tanto el lenguaje estándar del habla neutralizada como el habla con variación, centrado en el tipo de actividad y los diferentes propósitos de la comunicación.

**PALABRAS CLAVE:** Variación lingüística; Radio; Enseñanza profesional.

## Introdução

Este artigo aborda a variação linguística na fala de comunicadores de rádio e outras mídias. Traz resultados de uma pesquisa sobre variação no português de uma locutora de rádio em diferentes atividades de comunicação (Barbosa, 2022), para, a partir deles, discutir experiências didáticas possíveis envolvendo variação linguística na formação de locutores. O objetivo do artigo é mostrar que, embora os cursos de formação de locutores tradicionalmente promovam atividades de “neutralização de sotaques” (Ferraretto, 2001, 2002, 2014), isto é, treinos de expressão oral voltados a neutralizar traços de fala resultantes de variação, essa neutralização nem sempre se efetiva na fala dos comunicadores. Variáveis linguísticas<sup>3</sup> são recursos mobilizados pelos comunicadores para a construção de estilos de persona em práticas profissionais por eles realizadas (Coupland, 2007). Isso justifica o que se propõe aqui: incluir a apreciação crítica e o exercício da variação linguística nos programas de formação de comunicadores em diferentes mídias, sem abrir mão dos treinos de neutralização de sotaques, tradicionalmente realizados.

---

<sup>3</sup> Neste artigo, usam-se os termos *variação*, *variável* e *variante linguística* conforme a sociolinguística variacionista laboviana (Labov, 1972, 1994, 2001, 2010), definidos em publicações brasileiras como a de Mollica (2003, p.11): “A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes [...] que configuram uma variável [...] A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância”.

As mídias tradicionais como rádio e televisão, instituídas por outorga pública, sujeitam-se a leis e políticas nacionais.<sup>4</sup> Embora a legislação não contemple modelos de fala a serem seguidos, as emissoras observam as normas da gramática tradicional especialmente em práticas de comunicação baseadas em textos escritos, como na apresentação de noticiários, na veiculação de anúncios e conteúdos informativos (Cabello, 1995). Ao mesmo tempo, segundo dados do IPHAN<sup>5</sup>, o Brasil conta atualmente com cerca de 250 línguas, além do português e suas variedades. Em tal situação, observa-se variação linguística nas manifestações em português, correlacionada a aspectos sociais – etários, regionais/culturais, estilísticos/estéticos, entre outros – e gramaticais, internos à própria língua. Acresce-se a esse quadro o fato de, a partir da pandemia de 2020, a comunicação oral ter-se democratizado na *internet* e plataformas digitais: tanto comunicadores profissionais quanto não profissionais produzem conteúdos e divulgam informações, dando lugar a traços linguísticos que até pouco tempo se buscava neutralizar nas transmissões das mídias tradicionais.

Nessa disputa de espaço entre a fala tradicional profissional, pautada pelas normas da gramática tradicional, e o vernáculo, em que a variação linguística se instancia, encontram-se os cursos de formação de locutores. Se, por um lado, o investimento de tais cursos em usos linguísticos orientados pelas normas da gramática tradicional justifica-se pela necessidade de revestir a fala dos comunicadores de formalidade e, assim, legitimar a informação veiculada (Bourdieu, 2008), por outro lado, as demandas que se imporão aos futuros profissionais, de conectarem-se com a audiência e de alcançarem os propósitos das diferentes atividades de comunicação, conclamam a abrir espaço para a variação linguística em sua formação. Além disso, embora os cursos busquem homogeneizar a fala de locutores e comunicadores, neutralizando, por exemplo, as variantes características

---

<sup>4</sup> Lei Nº 4117, de 27 de Agosto de 1962: Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações. “Capítulo 2 Art. 4º Para os efeitos desta lei, constituem serviços de telecomunicações a transmissão, emissão ou recepção de símbolos, caracteres, sinais, escritos, imagens, sons ou informações de qualquer natureza, por fio, rádio, eletricidade, meios óticos ou qualquer outro processo eletromagnético.” Fonte: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L4117Compilada.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4117Compilada.htm) Acesso em: 25 out. 2023.

<sup>5</sup> IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Diversidade Linguística** - No Brasil, são faladas mais de 250 línguas. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/indl> Acesso em: 10 out. 2023.

de certos sotaques, resultantes de fenômenos fonético-fonológicos variáveis, esbarram no fato incontornável de que, na realização de qualquer língua natural, a variação está presente: “... as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (Labov, 2008 [1972], p.21), produzindo fenômenos variáveis que poderão resultar em mudança linguística com o passar do tempo.

A disciplina e o comprometimento necessários com tarefas que preparem os alunos para o mercado de trabalho são mandatórios em escolas profissionalizantes. Para os comunicadores profissionais, há exigência do curso de formação de locutores. Esses necessitam ter seu registro profissional certificado pela Delegacia Regional do Trabalho (DRT) para que possam atuar em mídias de concessão e outorga pública tradicionais. O mesmo não ocorre com usuários de mídias digitais que, por exemplo, promovem *lives* (transmissões ao vivo via internet), produzem *podcasts* (programas de áudio gravados), *videoposts* (divulgação de conteúdo de interesse público ou privado em vídeo via redes sociais), gerando um conflito entre o que a escola profissionalizante ensina e as atuais práticas midiáticas aceitas pelo público.

Vêm daí os questionamentos e propostas contidos neste artigo. Por que as escolas de formação de locutores resistem à diversidade linguística dos alunos, persistindo exclusivamente na neutralização de sotaques na formação de locutores profissionais, quando sabemos que não existe fala sem variação linguística? Com o avanço da abrangência da *internet* e a difusão de modos de expressão vernaculares, por que suprimir, no ensino profissionalizante, as variações linguísticas?

Para responder a essas questões, este trabalho propõe-se (a) a analisar a variação linguística na locução de rádio, bem como alguns estilos linguísticos com ela construídos nas mídias tradicionais, em decorrência de atividades realizadas nas mídias; (b) abordar o ensino de língua na formação profissional de locutores, bem como o preconceito linguístico que pode acompanhar algumas práticas nesse âmbito; (c) discutir formas de implementar novas práticas de ensino nessa

formação, mais alinhadas às falas dos alunos e às demandas dos futuros profissionais.

## Fundamentação

A variação linguística, observada na fala cotidiana como diferentes formas de dizer o mesmo – *c[o]mer::c[u]mer, tu sabes::você sabe, as coisas::as coisaØ* em português, por exemplo – correlaciona-se a fatores sociais e linguísticos (posição da sílaba na palavra e no enunciado, tonicidade, fones precedentes e seguintes, e assim por diante), conforme Labov (2008 [1972]). Usar certas variantes nas práticas sociais cotidianas, em atividades profissionais ou não profissionais, contribui para a construção de estilos de persona (Coupland, 2007) e para a projeção de identidades em falares percebidos como, por exemplo, jovem, masculino, folclórico, técnico etc. Tal processo de estilização (Coupland, 2001), por seu turno, é socialmente sustentado (Eckert; Rickford, 2001), isto é, leva em conta os participantes da interação ou audiência (Bell, 2001), nas diversas situações sociais em que os padrões de fala e os diversos modos de comunicar estão sujeitos a imposições e julgamentos linguísticos, a depender do próprio *status* do falante (Bourdieu, 1991, 1997, 2007, 2008). No rádio e outras mídias, além dos participantes imediatos (coapresentadores de programas, entrevistados, ouvintes/seguidores que interagem com os comunicadores), há o público pretendido, que acrescenta uma camada de expectativas sobre os usos da linguagem quanto à sua adequação face aos objetivos da comunicação. A estilização da linguagem na fala pública, como a que ocorre no rádio e outras mídias, instancia o que Coupland (2007) denomina *high performance* (alto desempenho) (Coupland, 2007, p.146, tradução nossa).

Estudos (Barbosa, 2021, Battisti; Barbosa, 2021) mostram haver o uso de variantes não padrão<sup>6</sup> nas práticas do rádio em emissoras do Rio Grande do Sul,

---

<sup>6</sup> Barbosa (2021) e Battisti; Barbosa (2021) observaram, por exemplo, a variante vernacular *tu falou*, em vez *tu falaste*, nas práticas de rádio por elas analisadas. Assim, embora variantes não padrão como essa possam ser desprestigiadas e consideradas inadequadas às práticas de rádio em cursos de formação de locutores, elas estão presentes no exercício da profissão.

para informação ou entretenimento. Os locutores empregam variantes linguísticas para compor personas ligadas a culturas locais, como a do apresentador Chucrute (Battisti; Barbosa, 2021), que emprega traços transferidos ao português de uma língua de imigração, o hunsrückisch, como a realização de tepe alveolar (r-fraco) em contexto de vibrante múltipla alveolar ou suas variantes (r-forte) – *co[r]edor::co[r]edor, [r]ua::[r]ua*. A depender do interlocutor imediato, tal apresentador pode inclusive promover *code-switching* (alternância de código) entre o português e o hunsrückisch, sem que isso comprometa os índices de audiência, muito antes pelo contrário.

Barbosa (2022) examinou, em dados de fala de uma comunicadora de rádio de Porto Alegre, o uso de variantes de certas variáveis linguísticas do português observadas nessa comunidade e outras sul-riograndenses, conforme descrito na literatura (Battisti; Oliveira, 2014, Rockenbach; Battisti, 2021, Koch; Klassmann; Altenhofen, 2002, Bisol; Battisti, 2014, Battisti, 2013, Moras, 2017, Silveira, 2019, Cabreira, 1996, Scherre; Yacovenco, 2011, Zilles; Maya; Silva, 2000): *ingliding* de vogais tônicas (*né* [ˈnɛ], IBOPE [iˈbɔɐpi]). São elas: realização de /R/ em coda silábica como vibrante alveolar, tepe alveolar ou apagamento (*mulhe[r]~mulhe[Ø]*, *po[r]que ~ po[Ø]que, dirigi[r] ~ dirigi[Ø]*), alçamento das vogais médias /e, o/ em sílabas átonas, em sílabas átonas finais (*doce~doci, novo~novu*) e em sílabas pretônicas, por harmonização vocálica (*domingo~dumingo*), alçamento sem motivação aparente (*comer~cumer, senhor~sinhor*), elevação da vogal E inicial e diante de /S/ e /N/ em coda silábica (*estranho~istranho, emprego~imprego*), elevação de /e/ em sílaba DES- em posição inicial de palavra (*desmaio~dismaio*), palatalização regressiva de /t, d/ (*tijolo~tjijolo, dinheiro~džinheiro, ponte~pontʃi, cidade~cidadʒi*), vocalização da lateral em coda silábica como em *ca[w]da* (calda) e *so[w]to* (solto), monotongação de /ej/ (*peixe~pexe*), /aj/ (*caixa~caxa*) e /ow/ (*pouco~poco*), a variação *tu~você* na expressão de segunda pessoa de singular (*tu sabe~você sabe*), variação na expressão de primeira pessoa de plural *nós~a gente* (*nós sabemos~a gente sabe*).

Além das variáveis linguísticas, traços paralinguísticos podem ser mobilizados na estilização da fala: o *vocal fry* (crepitação presente na voz, cuja frequência

fundamental média gira em torno de  $F_0 = 73.10$  Hz, com desvio padrão de 6.7 (Oliveira et al., 2015.), o *pitch* (frequência fundamental do som vocal, sendo definido pelas características físicas das ondas como grave (*low*) ou agudo (*high*) e medido em Hertz) e a entonação (contornos melódicos percebidos como: asserção, questão total, ordem, desafio, pedido, sugestão, questão parcial e exclamação, de acordo com Miranda, 2015).

Veremos, nos dados examinados neste artigo, que as variáveis linguísticas e traços paralinguísticos são usadas para compor estilos diferenciados de fala conformes aos cinco gêneros radiofônicos existentes (Barbosa Filho, 2009) – entrevista, comunicado (informação), entretenimento, chamada publicitária (*teaser*), comercial – e aos papéis desempenhados pelo locutor, além dos temas tratados, veículo de transmissão, objetivos do locutor e presença (ou não) de interlocutores.

As escolas de formação de locutores, paradoxalmente, dão prioridade à expressão conforme as normas da gramática tradicional na instrução das práticas linguísticas profissionais, o que eventualmente demanda a intervenção fonoaudiológica para adequar o locutor aos modelos de fala conformes às normas da gramática tradicional, produzindo uma fala alinhada à norma-padrão (Barbosa, 2022) e seguida pelas grandes mídias (Kyrillos; Feijó, 2005, Ferraretto, 2001).

## Metodologia

Duas análises são realizadas, ambas qualitativas.

A primeira análise retoma dados de Barbosa (2022). São excertos de fala pública no rádio. Analisam-se três excertos produzidos por uma locutora de rádio nascida e radicada na cidade de Porto Alegre. Ela tem mais de 40 anos, é jornalista premiada e foi a primeira mulher a apresentar um tradicional noticiário de uma emissora local. Os excertos foram transcritos de acordo com Ostermann (2012), que se baseou nas normas de Jefferson (1984), traduzidas e adaptadas por Schnack, Pisoni e Ostermann (2005):

**Quadro 1 – Convenções de transcrição de Ostermann (2012, p. 40)**

[texto]	Falas sobrepostas
=	Fala colada
(.)	Micropausa
,	Entonação contínua
.	Entonação ponto final
?	Entonação pergunta
-	Interrupção abrupta da fala
:	Alongamento de som
>texto<	Fala mais rápida
<texto>	Fala mais lenta
°texto°	Fala com volume mais baixo
TEXTO	Fala com volume mais alto
<u>Texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
(texto)	Dúvidas
XXXX	Texto inaudível
((texto))	Comentários da transcritora
@@	Risada
↓	Entonação descendente
↑	Entonação ascendente

Fonte: Barbosa (2022, p.47)

Usam-se, na transcrição dos dados, símbolos fonéticos do Alfabeto Fonético Internacional<sup>7</sup> apenas no registro de fones relevantes, mesmo que não entre colchetes, como se esperaria em transcrições fonéticas, já que colchetes são empregados para transcrever falas sobrepostas. Além disso, usa-se o símbolo ∅ para indicar apagamento de fones.

Os dados ilustram diferentes estilos de persona construídos pela comunicadora em programas de infotainment<sup>8</sup>, nos papéis de entrevistadora, entrevistada, bem como na locução de anúncio comercial, na divulgação de evento e na promoção de programação das emissoras analisadas. Segue-se Coupland (2007) na análise da estilização da fala, considerando um ou mais dos cinco processos de contextualização de personas: *targeting* (atribuição de identidades aos outros), *framing* (enquadramento da própria identidade relativamente à dos outros), *voicing* (citação ou reconstrução das palavras de outras pessoas), *keying* (espírito ou tom da identidade projetada) e *loading* (nível de investimento do falante na identidade negociada).

<sup>7</sup> Disponível em:

[https://www.internationalphoneticassociation.org/IPAcharts/inter\\_chart\\_2018/IPA\\_2018.html](https://www.internationalphoneticassociation.org/IPAcharts/inter_chart_2018/IPA_2018.html) Acesso em: 24 out. 2023.

<sup>8</sup> Gênero de programação midiática com o propósito de transmitir músicas e informações.

A segunda análise sustentará a proposta de abordagem da variação linguística nas práticas de ensino voltadas à formação de locutores de rádio. Examinaremos, brevemente, a proposta da disciplina *Técnicas e Exercícios para o Locutor* da escola e-Tec Educacional, de Porto Alegre. Discorreremos sobre as atividades que se vêm realizando nessa disciplina, na referida escola. A partir disso e considerando-se o observado nos três excertos, proporemos, em linhas gerais, abordagens didáticas que acrescentem a conscientização e o exercício da variação linguística na fala do rádio nas diferentes atividades de comunicação tradicionalmente realizadas e previstas em escolas de formação de locutores, como a examinada no presente trabalho.

## Análises

Na primeira análise, a comunicadora de rádio em questão é identificada como L1 (Locutora 1) nos dados transcritos. Os três excertos evidenciam não só a presença de variantes porto-alegrenses na fala de L1 e seus interlocutores, mas também o fato de diferentes combinações de variantes serem mobilizadas na construção de personas.

No excerto 1, ela atua como coapresentadora de um programa de rádio apresentado por um colega portoalegrense, aqui identificado como L3 (Locutor 3). O entrevistado, L4 (Locutor 4), é um ator carioca bastante conhecido do público por ser de uma emissora líder de audiência nacional de novelas. Nesse dado, é possível observar que a fala da locutora, quando em transmissão ao vivo via rádio, sofre adequação (linha 11), alinhando-se ao português padrão (Faraco, 2008). Entretanto, durante os intervalos em interação com o convidado, em momentos de menor monitoramento, sua fala apresenta mais variantes características da fala porto-alegrense (linhas 01, 06, 10).

Excerto 1:

01	L1:	tá:, agora=a=gentji- agora=a=gentji fa:z ((vogais abertas, prolonga))
02		a gentji tem um ingressu intão? ((busca confirmação))

03	L3:	dois (.) paris ((pares))
04	L1:	dois paris?
05	L4:	i, i, u quê qui u cara tem qui fazeØ?
06	L1:	vamuØ invent↑a:Ø! ((vogais abertas, prolonga))
07	L4:	eu voØ propôr um d̥isafiw intão
08	L3:	↓é↑: pod̥zi seØ intão, quando tu vowtaØ
09	L4:	a gent̥fi faz um:- sor[teia, pod̥zi seØ, nê?]
10	L1:	[issu, pod̥zi <b>se:vØ</b> ] (( <i>ingliding</i> , é avisada))
11	L1:	A:l a gent̥fi não pod̥zi d̥zizeØ a resposta! ((tom monitorado/ <i>pitch</i> grave))
12	L4:	u cara vai liga pra cá?
13	L1:	u cara (.) não, não, manda pru nossu wats
14	L4:	manda pelu [wats ap?]
15	L1:	[manda pelu] wats ap ((olha e aponta para a câmera))
16		Ó! quem tá ligadu au vivu já ↑tá sa:be:ndu ((segue tom monitorado))
17		vai teØ promoçãw nu próximo [blo:cu intão]
18	L4:	[daqui=a=pocu]
19	L1:	daqui=a=poquinho, t̥fiagu Lacerda ((aponta e olha para L4))
20		t̥fiagu qui tá bolandu a promoçãw, né? ((sem <i>ingliding</i> ))
21		não sei u quê qui vem aí @@@ ((pitch agravado, vogais fechadas))
22	L4:	tem aud̥ziência boa u pessuaw onlaini? (( <i>online</i> ))
23	L1:	te↓:m: te↓:m:

Fonte: Barbosa, 2022 p. 83-84

No excerto 1, a conversa de L1 com L4 ocorre nos bastidores, durante o intervalo do programa. L1 não monitora a fala e usa traços porto-alegrenses como *ingliding*, por exemplo (linhas 01, 06, 10). Entretanto, quando L1 é avisada de que a conversa ainda estava sendo transmitida via redes sociais, ela altera imediatamente o tom de voz para mais grave e volta a neutralizar traços identitários de fala, novamente dando corpo à persona apresentadora-entrevistadora. Quando L1 inicia a conversa com L4, definindo com o convidado como será feito o sorteio de ingressos, apresenta fala com *pitch* menos grave e *inglidings* e prolongamentos característicos da fala identitária porto-alegrense, como em “tá” e “faz” (excerto 1 linha 01). A entrevistadora produz *ingliding* em “ser” (excerto 1, linha 10) e, após ser avisada sobre a continuidade da transmissão (excerto 1, linha 11), dirige-se para a câmera com tom de voz sóbrio, *pitch* agravado, sem *ingliding* na fala, conforme o

excerto 1, linha 20. O marcador “né”, aí produzido, não apresenta *ingliding*, mesmo sendo um item que, em posição final de enunciado, favoreceria o processo.

No excerto 2, em contraste com a neutralização promovida ao vivo na persona apresentadora-entrevistadora (excerto 1), L1 constrói um estilo de fala espontânea/menos monitorada quando é a entrevistada. L1 relata seu início no rádio, momento onde produz /R/ vibrante (excerto 2, linha 04) em referência à fala tradicional do rádio. Contudo, é possível observar que a fala da comunicadora é permeada por prolongamentos, *inglidings*, *pitch* menos grave e omissão de /R/ final em verbos no infinitivo (excerto 2 linhas 09 e 30), características da fala vernacular porto-alegrense.

#### Excerto 2:

01 L1: foi- ε, ε muito locu assim  
 02 quandu eu tava nessa época  
 03 não †fjinha‡ essa djimensão <nε=Rodrigu>  
 04 não awMEJAva fazer ar ((R vibrante))  
 05 istar nu ar >nu mi-< nε  
 06 não †jlnha essa pretensão  
 07 u qui eu quiria era aquilu=  
 08 purqui eu sempri fui muito apaixonada pur textu também  
 09 intão sempri gostei muito dji iscreveØ  
 10 a minha ambição  
 11 era fazeØ: †nufj‡cia  
 12 pra pessoa ler u meu textu ((R vibrante))  
 13 eu lembru qui u Fetter- Alexandri Fetter ((coordenador de rádio da RBS))  
 14 na primeira paSSAgem deli pela=Atlântjda  
 15 eu já isTava lá nεε  
 16 intão eu fiz um textu, uma nufjcia qualquer=  
 17 não lembru mais quau εere  
 18 i eu intreguei pra eli assim=  
 19 Fetter eu achu qui essi é u meLHOR TEXtu qui eu já fiz na minha VIDA!  
 20 aí eli leu Bah, Dedê, maravilhosu, lindu teu textu não sei u quê, tá-  
 21 i eu fiquei ali in†canta:‡da ovindu eli falaØ  
 22 i=eli=djissi ((estala dedos)) vamu! ((estala dedos))  
 23 daqui meia hora tem otru textu! tu tem qui pro:du†ziØ [MAIS!]

24	L2:		[vida qui segui]
25	L1:		[ɛ:ɐ=]
26		intão ali eu intendʒi qui TEXTu, gentʃi	
27		é lindu é maravilhosu, mas tu tem qui teØ uma produÇÃo [contí:nua,]	
28	L2:		[é um depois=
29		=qui termina já tem oØtru]	
30	L1:	[é: depois qui foi pru a:r ] vira <b>póe</b> , pv: ((onomatopeia)), pru oØtru <b>nɛɛ</b>	
31		foi ali qui=eu in↑tendʒi ↓qui é u rádʒiu qui eu queru	

Fonte: Barbosa, 2022 p. 64-65

O relato de L1 no excerto 3 ocorre ainda na persona entrevistada. No estilo de fala menos monitorada, observam-se várias ocorrências de variáveis características do vernáculo porto-alegrense: *ingliding* de vogais tônicas, monotongações, apagamentos de /R/ de infinitivo, elevação das vogais médias pretônicas, palatalização de /t, d/. O conteúdo do excerto 3, por seu turno, é coerente com a ideia de que, eventualmente, sua performance no rádio busque não destoar de um padrão masculino no rádio, já que o rádio é um espaço tradicionalmente ocupado por profissionais desse gênero. Isso fica claro quando a locutora nomeia os comunicadores conhecidos do rádio regional que a introduziram nessa área e o porquê de o terem feito. L1 explica que sua voz (excerto 3, linhas 14 e 15) foi o que chamou a atenção dos comunicadores mais experientes, que a consideravam bonita. Esses foram seus treinadores de locução (excerto 3, linhas 33 a 37), baseados mais em práticas usuais (tácitas) do que em um ensino formal.

### Excerto 3:

01	L1:	na centu-i-dois FM
02		na Itapeeme <b>néɛ</b> (( <i>ingliding</i> ))
03		intão eu entrei pela=A↑tlântʃi↓da comu istagiáriɛ
04		passei pur=essi projetu
05		i a partʃir dessis seis mesis intão <b>fazendue</b> : (( <i>ingliding</i> ))
06		a cada mês uma rádʒiu
07		mi ʒirecionaram pra centu=i=dois FM (( <i>inspira</i> ))
08		lá incontrei Juliu Fãrst- né:
09		qui era u cordenador na épua= <b>er=u</b> :

10 cordenador da rád̥ziu juntu com Tadeu Mawte ((inspira))  
 11 fazendo também a part̥fi d̥zi produ̥çḁ̃o  
 12 sempri part̥fi d̥zi produ̥ção  
 13 um d̥zi=u=Juliu mi olha i d̥ziz=assim:  
 14 ((agrava levemente)) tu tem uma voz **buniete**, ((*ingliding*))  
 15 tu deveria pensaØ im fazeØ **microfoenie** ((*ingliding*))  
 16 eu d̥zigu ((leve sussurro)) <bem cḁpḁz: Juliu>  
 17 nã:u, nã:u @heu ↑NUN↓ce **nœ** ((inspira))  
 18 aí eli=d̥ziss=assim=↑não  
 19 vamus começaØ a insaiaØ i testaØ isso ((inspira))  
 20 foi quando, i aí eu so muito ↑GRA↓te **nœ** =  
 21 =às pessoas qui passaram pelu meu caminhu=  
 22 =i cont̥finuam **nœ** ã: essa caminhada cumigu  
 23 purque:, eu acred̥zitu qui t̥jivi pessoas  
 24 muito in↑CRÍ↓veis <assim>  
 25 comu professoris, **nœ** ã:, ((inspira))  
 26 ↑PA↓ulu Mo↑ree↓re, Juliu Fãrst,  
 27 Tadeu Mawta, u própriu Fetter né  
 28 elis iam pra is↑tú̥d̥zi↓u cumigu  
 29 inquantu elis tinham horáriu vagu  
 30 imagina, eu istagiária recé:m: iniciando ali numa facuwdad̥zi, ã:,  
 31 indu pra istú̥diu cum=essis **caras** qui já eram CONSa↑gradus=  
 32 nu meu du intretenimentue ((inspira))  
 33 eli=d̥zizi=assim=↓tá ↑lê es↓si texto  
 34 i eu lia toda t̥jimida=nervoesa=tremendu  
 35 não- lê d̥zi novu ((interpreta o interlocutor))  
 36 agora p̥õe mais vibrḁçḁ̃o,  
 37 p̥õe mais sorrisu, p̥õe mais=isso=intão,  
 38 issu=issu: facuwdad̥zi nenhuma t̥ji dá **nœ**  
 39 **ess=iscola** qui=eu fiz i qui:  
 40 as pessoas t̥ji↑rav↓am u seu ↑tem↓pu d̥zi trabalhu  
 41 para istar co↑mi↓gu, **nœ**  
 42 intão foi muito=muito inriquØcedor pra mim

Fonte: Barbosa, 2022 p. 68-69

É importante destacar que, diferentemente do ocorrido com L1, que não frequentou uma escola de formação de locutores (uma vez que sua graduação em

Jornalismo a habilita à locução), as práticas de locução podem ser aprendidas em escolas especializadas, porém em um nível técnico. No excerto 3 (linha 38), a comunicadora deixa claro que, em sua formação em Jornalismo, houve uma lacuna entre os ensinamentos dos diferentes níveis (técnico e superior) no que diz respeito às características que a fala no rádio deve(ria) apresentar. Essa lacuna pode ser uma das motivações do despreparo para lidar com as variações linguísticas dos locutores, que, ora são ignoradas, como se não fossem relevantes (graduação), ora são suprimidas, como se comprometessem a língua falada (nível técnico).

Nota-se, portanto, que a exigência de neutralizar a fala pela supressão de traços identitários, especialmente os regionais, ocorre no nível de ensino técnico, para pessoas com escolaridade de nível médio. O mesmo não é observado com alunos de graduação em Jornalismo. Isso evidencia o que Bourdieu (2007, p. 128) apresenta como “a oposição entre a espontaneidade popular e a linguagem altamente censurada da burguesia” e que “[...] em matéria de uso da língua, os burgueses e sobretudo os intelectuais podem se dar ao luxo de se valer de formas beirando a incorreção e a displicência, formas absolutamente vedadas aos pequenos-burgueses condenados à hipercorreção”. (Bourdieu, 2007, p. 104).

Por sua vez, as grandes emissoras sediadas nacionalmente de forma mais concentrada no eixo Rio de Janeiro – São Paulo, durante muitos anos serviram de modelo às práticas de locução. Assim, traços variáveis caracterizadores do português falado nas regiões sudeste e centro-oeste incorporaram-se a um certo estilo de fala esperado na locução de rádio, e marcas de fala identitárias de outras regiões do país, distantes desse modelo, passaram a ser neutralizadas com apoio fonoaudiológico. Como uma forma de produzir profissionais que atendam às expectativas do mercado da comunicação, antecipando-se aos possíveis encaminhamentos fonoaudiológicos aos profissionais futuramente contratados, os cursos de formação de radialistas passaram a orientar seus alunos de modo a suprimir, de sua expressão oral, certas realizações variáveis. Na segunda análise, buscamos compreender como se dá essa orientação por parte de uma escola de formação de locutores da cidade de Porto Alegre.

A escola em questão chama-se e-Tec Educacional. Ela oferece o Curso de

Locução para Rádio e TV, entre outros. Esse e os demais cursos objetivam atender o mercado da comunicação, de acordo com a Lei n.º 6615/78<sup>9</sup>. No referido curso<sup>10</sup>, são abordados temas como a história da radiodifusão, funções do locutor, o estúdio, o som, voz e higiene vocal, técnicas e exercícios para o locutor, além de técnicas de locução específicas para as quatro habilitações do curso (noticiarista, anunciador, entrevistador e apresentador). A disciplina do curso analisada neste artigo é a de Técnicas e Exercícios para o Locutor. A disciplina, nessa escola, é deliberadamente ministrada por uma fonoaudióloga, com o objetivo específico de “corrigir pronúncias” (destaque nosso), o que implica, em diferentes contextos, orientar aspirantes a locutores a neutralizar ou suavizar as variações linguísticas que porventura apresentem desalinhamento com o modelo de fala do rádio, orientado pelas normas da gramática tradicional.

Baseada nos estudos de César (2013) e Kyrillos (2005), a disciplina apresenta diferentes exercícios práticos cujos alvos são a manifestação, na fala, das marcas de concordância verbal e nominal, de conjugações verbais, do fonema /S/ como marca de plural e /R/ como marca de infinitivo; o uso de tu/você, o ritmo de fala, a entonação, a modulação de *pitch* vocal e a comunicação sem suprimir/omitir sílabas ou fonemas, visando a não deixar dúvidas ao ouvinte a respeito do que foi dito pelo comunicador. O resultado desses exercícios é o que, nas mídias, concebe-se como neutralização da fala e suavização de sotaques, por mais paradoxal que isso seja do ponto de vista sociolinguístico, como afirmamos na introdução deste artigo.

O processo de neutralização de fala e suavização de sotaques implica, necessariamente, alterar traços de personas não profissionais do locutor. No entanto, acreditando que as escolas de formação de locutores podem não só atender ao mercado, mas também contribuir para a formação de modelos de fala profissional nas mídias, propomos uma abordagem que serve tanto às práticas em sala de aula, quanto ao atendimento fonoaudiológico a tais demandas.

Nossa proposta considera as experiências de comunicação pela *internet*, que

---

<sup>9</sup> Lei nº 6651/78: Dispõe sobre a regulamentação da profissão de radialista e dá outras providências. Fonte: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L6615.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6615.htm) Acesso em: 23 out. 2023.

<sup>10</sup> Fonte: <https://eteceducacional.com.br/locutor-para-radio-e-tv/> Acesso em: 23 out. 2023.

ganharam fôlego na pandemia de 2020-2021. Nesse período, o falante comum pôde conquistar seu espaço na comunicação social, interconectando culturas e conhecimentos através das redes sociais em escalas antes inatingidas<sup>11</sup>. Foi possível observar, nessa comunicação ampliada pela *internet*, os elementos de fala tradicionalmente impactados pelas imposições linguísticas aos locutores nos exercícios de neutralização e suavização. Tais elementos foram fatores de conexão entre os diferentes falantes do Brasil. Em alguma medida, podemos afirmar que o brasileiro gostou de se ouvir através da identidade de fala do outro, compreendendo-a como sua também, algo a ser enaltecido, não suprimido ou neutralizado.

A comunicação pelas plataformas digitais, consolidada como está, não justifica a exclusividade da fala neutralizada na locução. Assim, propomos uma atuação técnica da referida disciplina sob uma abordagem que apresente ao aluno a diversidade linguística existente tanto na região, quanto nacionalmente, compreendendo a fala baseada nas normas da gramática tradicional como um estilo linguístico possível, porém não mais um padrão de performance obrigatório.

Um primeiro requisito dessa abordagem é o posicionamento do professor de uma disciplina como *Técnicas e Exercícios para o Locutor*, seja esse professor fonoaudiólogo ou não. Deve passar da perspectiva de “certo-errado” à linha do “adequado para”, considerando-se as distintas atividades de fala da comunicação do rádio e outras mídias. Qual é o objetivo da locução, o tipo de programa, o público-alvo, a identidade da emissora?

Essas questões, entre outras, devem nortear a elaboração de unidades didáticas em que o professor oportunize, aos futuros locutores:

- i) primeiramente, contrastar tipos de programa e de comunicação nas mídias;
- ii) depois, levantar traços empregados por certos locutores como marcas de seu estilo de persona no rádio e nas diferentes mídias analisadas;

---

<sup>11</sup> Pesquisa sobre uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC Domicílios) 2022 indica que, no Brasil, o uso das tecnologias digitais passou de 71% em 2019 para 80% em 2022, de acordo com o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), que integra o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). Fonte: [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20230825143720/tic\\_domicilios\\_2022\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20230825143720/tic_domicilios_2022_livro_eletronico.pdf) Acesso em: 04 dez 2023.

iii) e, enfim, identificar aquelas atividades de locução em que a fala neutralizada é efetivamente esperada – por exemplo, na leitura de notícias, mas não em um programa de entretenimento que mobilize elementos culturais identificados com a fala vernacular para fidelizar o público.

As práticas de avaliação tradicionalmente realizadas nos cursos de formação de locutores levam em conta a habilidade do aluno de se comunicar em um determinado estilo de fala “padrão” (regional e/ou nacional), considerando-se sua aptidão, ou não, para tanto. Esse modelo excludente e preconceituoso não contempla a capacidade comunicativa dos futuros locutores, já que acaba valorizando o que, pelo menos inicialmente, pode ser uma mera “imitação” de tal estilo de fala “padrão”. Nossa abordagem propõe que a habilidade de comunicar no estilo de fala “padrão” seja uma entre outras possibilidades estilísticas de realizar a fala no rádio e outras mídias, algumas delas com a variação linguística identitária do locutor. Isso pode resultar na formação mais plural e eficiente dos locutores e profissionais de mídias nas atividades de comunicação. Trata-se de uma abordagem voltada, portanto, não “à forma correta da fala”, mas à pluralidade de estilos de fala associados às diferentes personas que um mesmo locutor é necessariamente levado a construir, no exercício de sua profissão.

## Considerações finais

As análises realizadas no artigo, dos dados da locutora de rádio porto-alegrense e do conteúdo da disciplina *Técnicas e Exercícios para o Locutor* de uma escola de formação de locutores, revelam um paradoxo. Por um lado, embora haja variantes vernaculares na fala da locutora, com ocorrência de traços identitários em algumas atividades de comunicação, neutralização da fala e suavização de sotaques em outras, por outro lado, a disciplina centra-se nas práticas de fala no estilo neutralizado, buscando suprimir, indiscriminadamente, as marcas vernaculares, identitárias dos locutores em formação. Entretanto, neutralizar um sotaque é, por consequência, aderir a outro, visto que não há fala sem variação, mesmo na fala tomada como “padrão”.

Nossa proposta de abordagem à variação linguística na formação de

locutores não implica contrapor-se às tradicionais práticas de neutralização da fala e suavização de sotaques, eventualmente necessárias em algumas atividades do rádio e de outras mídias. Buscamos conciliá-la à variação, partindo do reconhecimento do relevante papel das realizações variáveis na construção da identidade do locutor e na adequação do padrão de fala às atividades específicas. Compreendemos que categorizar uma forma de falar como certa/errada e, a partir daí, treinar um único estilo de fala no rádio dá corpo a modelos de comunicação centralizadores e já em desuso nas diferentes mídias. Nesse sentido, a variação linguística na locução de rádio oferece recursos para atualizar a comunicação nesse veículo e em outras mídias, dando um lugar possível a diferentes identidades e padrões culturais.

## Referências

BARBOSA, Ana Paula Marques. *Variação linguística, identidade e estilo na locução de rádio: estudo de caso de uma comunicadora do sul do Brasil*. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

BARBOSA, Ana Paula Marques. O(des)alinhamento do rádio gaúcho com o português padrão. *Anais do V IEL - Instituto de Estudos Linguísticos: Linguagem e Fronteiras*, UFFS, UFRR, p. 49. Chapecó, 3 a 5 de novembro de 2021. Disponível em: <https://ielppgel.wixsite.com/website/c%C3%B3pia-anais>. Acesso em: 11 out. 2023.

BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BATTISTI, Elisa. Realizações variáveis de vogais tônicas em Porto Alegre (RS): ditongação ou *ingliding*? *Fragmentum*, n. 39, p.58-76, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/10846/8955>. Acesso em: 11 out. 2023.

BATTISTI, Elisa; BARBOSA, Ana Paula Marques. O português de contato no rádio: estudo de caso de um locutor do Sul do Brasil. *Revista de Letras Norte@mentos*. Dossiê temático: Línguas Minoritárias no Brasil, Sinop, v. 14, n. 37, p. 121-142, out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/rln.v14i37.7751>. Acesso em: 23 out. 2023.

BELL, Allan. Back in style: Reworking audience design. *In*: Penelope Eckert and

John R. Rickford (eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2001. p. 139–69.

BISOL, Leda; BATTISTI, Elisa. *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *Language and symbolic power*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer*. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.

CABELLO, Ana Rose Gomes. Construção do texto radiofônico: o estilo oral-auditivo. *Alfa*, São Paulo, v. 39, p. 145-152, 1995.

CABREIRA, Silvio Henrique. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Porto Alegre: PUC (Dissertação de Mestrado), 1996.

CÉSAR, Cyro. *Como falar no rádio: prática de locução AM e FM*. São Paulo: Summus Editorial, 2013.

COUPLAND, Nikolas. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

COUPLAND, Nikolas. Dialect stylization in radio talk. *Language in society*, v. 30, n. 3, p. 345-375, Cambridge: Cambridge University Press, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0047404501003013>. Acesso em: 13 out. 2023.

ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (eds.). *Style and sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio, o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio no Rio Grande do Sul: anos 20, 30 e 40: dos pioneiros às emissoras comerciais*. Canoas: Editora da ULBRA, 2002.

FERRARETTO, Luiz Artur. Da segmentação à convergência, apontamentos a respeito do papel do comunicador de rádio. *Comunicação & Sociedade*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 59-84, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/4705/4406>. Acesso em: 11 out. 2023.

JEFFERSON, Gail. Transcript notation. In: ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John (eds.). *Structures of social action: studies in conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 9-16.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Wilson. *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba Ed. UFRGS/ Ed. UFSC / Ed. UFPR, 2002. v. 1, v. 2.

KYRILLOS, Leny; FEIJÓ, Deborah. *Fonoaudiologia e telejornalismo*. Relatos do IV encontro nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *Principles of linguistic change, Volume 1: internal factors*. Cambridge/Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. *Principles of linguistic change, Volume 2: social factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. *Principles of linguistic change, Volume 3: cognitive and cultural factors*. Malden/Oxford/West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LARA, Claudia Camila; BATTISTI, Elisa. O Voice Onset Time das plosivas do português brasileiro em contato com o Hunsrückisch e seu desvozeamento variável. *Fórum Linguístico UFSC*. (Impresso), v. 11, p. 39-50, 2014.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.9-14.

MIRANDA, Luma da Silva. *Análise da entoação do português do Brasil segundo o modelo IPO*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38224129/Analise\\_da\\_entoacao\\_do\\_portugues](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38224129/Analise_da_entoacao_do_portugues)

\_do\_Brasil\_segundo\_o\_modelo\_IPO-libre.pdf?1437234238=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAnalise. Acesso em: 23 out. 2023.

MORAS, Viviane Tebaldi. *A vocalização do L em coda silábica: análise em tempo real em duas comunidades do Rio Grande do Sul*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/171719> Acesso em: 22 out. 2023.

OLIVEIRA, Gisele et al. A comparison of the use of glottal fry in the spontaneous speech of young and middle-aged American women. *Journal of Voice*, v. 30, n. 6, p. 684-687, 2015. DOI: 10.1016/j.jvoice.2015.08.015.

OSTERMANN, Ana Cristina. Análise da conversa: o estudo da fala-em-interação. In: OSTERMANN, Ana Cristina; MENEGHEL, Stela Nazareth. *Humanização. Gênero. Poder: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde*. Rio de Janeiro/São Paulo: Fiocruz e Mercado de Letras, 2012. p.33-43.

ROCKENBACH, Livia M.; BATTISTI, Elisa. Produção e percepção do apagamento variável de /R/ em coda silábica no português de Porto Alegre (RS). *Cadernos de Linguística*, v.2, n.4, p. 1-27, 2021.

SCHERRE, Maria Marta P.; YACOVENCO, Lilian C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. *Revista da ABRALIN*, Natal, v.eletrônico, nesp., p.121-146, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1088>. Acesso em: 23 out. 2023.

SCHNACK, Cristiane; PISONI, Thaís D.; OSTERMANN, Ana Cristina. Transcrição de fala: do evento real à representação escrita. *Entrelinhas*, v. 2, n. 2, p. 1-7, 2005.

SILVEIRA, Luciana Morales da. *Monotongação em uso no português do sul do Brasil*. 2019. 146 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/202456>. Acesso em: 19 out. 2023.

ZILLES, Ana Maria Stahl; MAYA, Leonardo Zechlinski; SILVA, Karine Quadros da. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*. v.14, n. 28/29, p. 195-219, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30205/18712>. Acesso em: 19 out. 2023.

Recebido em: 27 out. 2023.  
Aprovado em: 25 nov. 2023.

BARBOSA, A. P. M.; BATTISTI, E.

A variação linguística na formação e na prática de comunicadores de rádio e outras mídias

*Revisora de língua portuguesa: Carla Giovana de Campos*

*Revisor de língua inglesa: Renan William Silva de Deus*

*Revisora de língua espanhola: Juliana Moratto*

